

## REBELLUM COLETIVA: ROTAS SINUOSAS

### REBELLUM COLLECTIVE: SINUOUS ROUTES

**Alda Alexandre**

Universidade Federal de Goiás, Brasil  
aldaalexandrex@gmail.com

**Carolina Brandão Piva**

Universidade Federal de Goiás, Brasil  
carolbpiva@gmail.com

**Christiane Cavalcante Frauzino**

Centro Universitário Internacional, Brasil  
chrisfrauzino@gmail.com

#### Resumo

Os coletivos culturais ligados às artes visuais costumam oferecer alternativas de criação, circulação e exposição, à parte de um circuito ou mercado convencional e, muitas vezes, distante dos círculos institucionalizados. O campo da arte contemporânea vem se familiarizando com os trabalhos artísticos coletivos/colaborativos e abrindo frestas para escutar vozes que antes eram quase sempre mediadas pelo curador, pelo museu e pelos demais sistemas da arte, além de outros espaços institucionais. Tentamos aqui “inventar um dizer” sobre como, progressivamente, com base no desejo de expressão, na sinceridade e na vontade de fazer, foi-se desenhando esse coletivo artístico composto por zineiras, gravuristas, poetas, todas mulheres, a maioria pesquisadora no campo da Cultura Visual. Este artigo lança luz sobre os percursos seguidos para nos inserirmos como expositoras em feiras de autores/ras independentes e percursos que encontramos para maquirar outras ações e passagens em busca de uma poética particular, que poderíamos chamar de *rebelliana*. Surgia, assim, no segundo semestre de 2017, a Rebellium Coletiva, inicialmente integrada pelas alunas do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (FAV/UFG) Alda Alexandre e Ilda Santa Fé, das linhas de pesquisa Culturas da Imagem e Processos de Mediação e Poéticas Visuais e Processos de Criação. A intenção preliminar foi reunir artistas visuais da FAV e criar instâncias de produção e circulação de seu trabalho. Posteriormente, outras integrantes se agregaram ao grupo, dando início a um intenso período do Rebellium Coletiva.

**Palavras-chave:** artes visuais; circulação; produção; Rebellium Coletiva.

#### Abstract

Cultural collectives in the field of visual arts usually offer alternatives of creation, circulation and exhibition, apart from a conventional circuit or market and, often distanced from institutionalized circles. The field of contemporary art is increasingly becoming familiarized with artistic works designed collaboratively and opened to other voices and relations previously mediated by curators, museums, and the other systems of art, among other institutional spaces. We try to “invent a saying” about how, gradually, based on the desire for expression, on sincerity and the will to do, this artistic collective was composed of zine makers, print makers, poets, all women, the majority researcher in the field of Visual Culture, and how we made our way when we entered as exhibitors in fairs of independent authors, and also we planned other actions and passages in search of a particular poetics, that we could call

it rebelliana. In the second half of 2017, initially, the students of the FAV Postgraduate Program in Art and Visual Culture, Alda Alexandre and Ilda Santa Fé, from the research lines Image Cultures and Mediation Processes and Visual Poetics and Creation Processes, met in order to start an artistic collective that initially brought together FAV visual artists with the aim of creating instances of production and circulation of their work. Subsequently, other members joined the group, which began an intense period of Rebellium Collective.

**Keywords:** visual arts; circulation; production; Rebellium Collective.

Neste artigo, propomos a cartografar<sup>1</sup> o processo de surgimento da Rebellium Coletiva. Tentamos aqui “inventar um dizer” sobre como, progressivamente, com base no desejo de expressão, na sinceridade e na vontade de fazer, foi-se desenhando esse coletivo artístico composto por zineiras, gravuristas, poetas, todas mulheres, a maioria pesquisadoras no campo da Cultura Visual. Este artigo lança luz sobre os percursos seguidos para nos inserirmos como expositoras em feiras de autores/ras independentes e percursos que encontramos para maquinar outras ações e passagens em busca de uma poética particular, que poderíamos chamar de *rebelliana*.

A Rebellium Coletiva começou a se formar (e, ao mesmo tempo, a se “transformar, deformar, conformar, informar”), podemos dizer, nos corredores da FAV (Faculdade de Artes Visuais) da UFG, no curso de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, no segundo semestre de 2017, quando duas de nós, Alda Alexandre e Ilda Santa Fé, mestrandas das linhas de pesquisa Culturas da Imagem e Processos de Mediação e Poéticas Visuais e Processos de Criação, respectivamente, a fim de articularmos ações entre alunos que produziam qualquer tipo de arte, e pensando em modos de circulação desse trabalho, começamos a pensar na criação de um coletivo que nos unisse em torno dessa ideia. Alda havia produzido, em parceria com Daniela Marques, também mestranda da linha de pesquisa Culturas da Imagem e Processos de Mediação<sup>2</sup>, a zine sobre pós-pornografia, intitulada *Pornographismos*,<sup>3</sup> enquanto que Ilda Santa Fé, que para a mesma disciplina

<sup>1</sup> Aqui, “pesquisar” não tem mais a ver com “saber sobre”, pois se trata de “saber com”. Habitar um estado de coisas, seus trajetos possíveis, seus impossíveis, subtrair o que insiste e produzir com. Operar por subtração, cortando da folha em branco a palavras já cansadas de tanto dizer o mesmo; pela produção de um som menor que coabita o território de sons, fazendo com que o movimento se abra a novas combinatórias; na insistência no retorno da potência de diferir. Busca-se o que é menor, aquilo que agita um estado de coisas, que faz problema; deste modo, ouvidos, narizes, bocas, mãos, se põem a vasculhar um acontecimento. Desenham-se os movimentos que não são completamente apreendidos, mas, seguidos por uma atenção *flutuante* (ANGELI, COSTA, FONSECA, 2012, p. 43).

<sup>2</sup> O trabalho foi produzido como requisito parcial para a conclusão da disciplina Teorias da Cultura Visual, ministrada pelo professor Raimundo Martins, que pediu como trabalho de conclusão uma narrativa visual.

<sup>3</sup> A zine *Pornographismos* trata de pornô, pós-pornô, feminismo e outros *-ismos*, num viés dissidente, que amalgama questões como arte, *do-it-yourself* e política já que, como diz Laura Milano, o pós-pornô é uma usina de energia subversiva que “intenta modificar a ordem atual das coisas, desafiando a ordem da pornografia comercial como parte do dispositivo de sexualidade que funciona como reproduzidor da diferença sexual, da heterossexualidade e que atua como norma com a qual se mede que é e o que não é sexo”. Nesse trabalho, são utilizadas referências como Manara, Mapplethorpe, Carlos Zéfiro, Nan Goldin, Dairan Lima, e muitas outras referências das artes plásticas e da cultura visual, num trabalho de recorte, colagem, montagem, trançados, reflexões, cuja intencionalidade não é excitar, mas provocar em alguma instância gozo estético.

havia confeccionado a zine *O Guardiã “do submundo”*,<sup>4</sup> estava então produzindo outro trabalho, a zine *Lady Víbora- Adoração*.<sup>5</sup> O nome *Rebellion* (*rebelde*, em latim) veio e permaneceu, parecendo adequado a um grupo de artistas que pretendia ocupar espaços alternativos. Um colega da pós-graduação, Leo Pimentel, filósofo e artista que se apresenta nos espaços virtuais como Amante da Heresia,<sup>6</sup> nos brindou com um texto que consideramos nosso manifesto, além de nos sugerir que usássemos “coletiva” em vez de “coletivo”, já que somos um grupo composto por mulheres.

### Manifesto de lançamento da Rebellion Coletiva

[...] em desterro voluntário, despachei paras as profundas tumbas da burocracia, jovens revolucionárixs profissionais. ah... como adoraram passar a eternidade fazendo análises de conjuntura... daí eu trouxe de volta velhas bruxas indígenas. aquelas que só de olharem para o céu e para as plantas sabem nos dizer como seguirmos em insurgência permanente. uma delas, sobrevivente há mais de 500 anos, matriarca de um laboratório biohacker, me olhou nos olhos e disse: “vá! com esse patuá que te penduro no pescoço e faça tal magia acontecer!”. [-1] - c0m g450lin4, m4rc0 n0 chã0 d3 um r3n0m4d0 b4nc0, um p3nt4gr4m4 d3 b4nim3nt0 d4 t3rr4. // [-2] - c0m m0l0t0vs, m4rc0 n0s c4ix45 3l3trônic05, um h3x4gr4m4 d0s 3l3m3nt05 qu3 s3rã0 b4nid05. // [-3] - f0rm4m-s3 p4ntácul05 d4 lu4... // [-4] - 0 s3l0 d4 brux4 d0 lu4r knup 3stã r34liz4d0. // [-5] - n4 linh4 tr4n5v3r54l, 4t3i0 f0g0. // [-6] - 4 m4gi4 d0 c40s d35t4 f4ntástic4 lu4 3stã f3it4. 4m4nhã, não m4i5 h4v3rá c4pit4l... // [-7] - s0b 35t3 b3l0 lu4r knup n05545 vid45 f0r4m r34pr0pri4d45 p0r n05545 libid05!

A oportunidade de termos nossa produção circulando, no entanto, surgiu quando a escritora, editora e jornalista Larissa Mundim nos convidou, em novembro de 2017, para integrar o grupo de expositores da feira de publicações independentes, a E-cêntrica, idealizada por ela em parceria com a Casa de Cultura Digita, ONG idealizada por Larissa, que também é fundadora da Nega Lilu Editora, com apoio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura. A E-Cêntrica atua nas frentes de circulação da produção gráfica e literária independente do Brasil; no combate à invisibilidade da produção gráfica e literária do norte, nordeste e centro-oeste do País; no fortalecimento e ampliação da visibilidade do trabalho da mulher, cis e trans, no mercado editorial, em todo o mundo; no apoio às ações de estímulo à leitura e à formação de leitores qualificados<sup>7</sup>, como alternativa às leis de um mercado baseado em rígidos cânones de concepção e de circulação

<sup>4</sup> “O Guardiã é um Gravurazine desenvolvido com o objetivo de vivenciar uma busca pelo autoconhecimento, assim como de provocar discussões a respeito da propagação da violência gratuita, tão recorrente em nossa sociedade.”

<sup>5</sup> Zine baseada na personagem virtual, Lady Víbora, criada por Ilda Santa Fé como parte de seu processo de releitura da própria imagem (portanto autobiográfica) e imersa no universo fetichista dos podôlatras, seus “devotados e submissos ou não. Segundo Ilda, a personagem: “Apesar de ter origem em mim mesma”, adquire sua própria personalidade, totalmente ficcional”.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://amantedaheresia.blogspot.com>. Acesso: 02/08/2018.

<sup>7</sup> Disponível em: [www.e-centrica.org](http://www.e-centrica.org). Acesso em: 05/08/2018.

A própria Larissa vem de uma experiência com o Coletivo Esfinge (de onde surgiu o Projeto Esfinge), em atividade na cidade de Goiânia entre 2009 e 2014, o qual, ancorado na web e com a participação de mais de cem realizadores culturais, promoveu de forma totalmente experimental várias atividades na cena artístico-cultural da cidade, numa prática colaborativa que criou condições para que o ciber-romance *Sem Palavras*, escrito por Larissa Mundim e Valentina Prado, encontrasse formas de veiculação (inicialmente no blogue *Nega Lilu*), antes de ser publicado em livro em 2013. Sobre a experiência com o Projeto Esfinge, diz a autora:

Nunca fiz nada sozinha, escolhi assim. Acredito na importância dos processos individuais que nos enriquecem sobremaneira, mas a experiência vivenciada em conjunto sempre me comove e comove muito mais. [...] Com esse pensamento, coloquei em prática uma péssima mania que tenho: trabalhar com o que gosto e com quem eu gosto. Convidei então artistas e profissionais talentosos, referenciais em suas áreas de atuação para tecerem comentários acerca da história de Nega & Lilu, a partir da leitura do conto *Sem Palavras*. [...] Na direção geral de atividades, em muitos momentos, fui mais exigida na gestão de recursos humanos e recursos financeiros. Estimamos que o investimento total, ao longo de cinco anos de trabalho, gire em torno de R\$150 mil, considerando financiamento próprio, de empresas parceiras e público, por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura da Prefeitura de Goiânia e da Lei Goyazes, em âmbito estadual. Nesse exercício democrático, participativo, foi imenso o aprendizado no respeito às individualidades, na escuta de sugestões e de histórias pessoais. Considero um privilégio a convivência com todos e a vivência em estado permanente de criação e produção. A condução dos trabalhos foi totalmente orientada pelo desejo, que me consumiu, acordada e adormecida, de alcançar resultados a partir de processos qualificados. (MUNDIM, 2015, pp. 24-25)

O convite para participarmos como expositoras da feira E-cêntrica veio, assim, em novembro e dezembro de 2017, momento em que a Rebellion Coletiva contava com três integrantes: Ilda Santa Fé, Daniela Marques e Alda Alexandre. Dispúnhamos, então, de zines, gravuras e serigrafias para apresentar, em nossa banca, aos visitantes da feira, que em novembro aconteceu no Hostel7 e em dezembro, na Vila Cultural Cora Coralina, em Goiânia. No início de fevereiro de 2018, estávamos em outra edição da mesma feira também na Vila Cultural Cora Coralina. Nessa ocasião, já haviam se agregado à coletiva Chris Frauzino (artista visual e mestra em Arte e Cultura Visual pela FAV), Carol Piva (escritora, designer, tradutora e doutoranda em Arte e Cultura Visual na FAV), Hortência Moreira (arquiteta e artista visual), Carol Viana (artista visual, e tatuadora).



Figura 1: Feira E-Cêntrica. Hostel7, Goiânia, 201.  
Acervo da Rebellium Coletiva.

Com sete integrantes nessa época, a Rebellium Coletiva entrava em um período de mais intensa atividade, acertos, desacertos, tensões, aprendizados. Precisávamos de uma logomarca (questão sobre a qual ainda não concordamos totalmente); precisávamos de momentos para parar, nos reunir, discordar, decidir. Tínhamos aí uma página da coletiva em duas plataformas de redes sociais: *Facebook*<sup>8</sup> e *Instagram*.<sup>9</sup>

Fizemos outras atividades que não estavam conectadas diretamente ao circuito da E-cêntrica, como a *Híbrida Empowerment*, em março, e o *Ruptura Ocupação Rebellium*, no Espaço Ruptura Cultural, quando, a nosso convite, expositores como Nega Lilu Editora, I Botons e Adesivos, Coletivo Häxan, Patworkpat e Martins Muniz (Sistema Cooperação Amigos do Cinema) juntaram-se a nós em um evento que incluía artes visuais, poesia, culinária, música etc. Depois desse evento, devido a alguns descompassos e diferenças várias, num movimento de contração (talvez), quatro integrantes seguiram outros caminhos, ficando a coletiva com três mulheres: Alda, Carol Piva e Chris Frauzinho. E assim seguimos para a Feira E-Cêntrica na Cidade de Goiás, no XVIII Encontro de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG), dias 10 e 11 de agosto, no Mercado Municipal. Temos, até aqui, seguido na corrente desse campo em que as autopublicações desafiam cânones que ainda predominam nos espaços privilegiados de circulação e publicação de obras literárias e artísticas.

<sup>8</sup> Disponível em: [www.facebook.com/Rebellium-Coletiva](http://www.facebook.com/Rebellium-Coletiva)

<sup>9</sup> Instagram da coletiva: @rebelliumcoletiva



Figura 2: Feira E-Cêntrica. Vila Cultural Cora Coralina, Goiânia, dezembro de 2017.  
Acervo da Rebellium Coletiva.

### De dentro para fora dos espaços acadêmicos

Os coletivos culturais ligados às artes visuais e também a outras formas de expressão costumam oferecer alternativas de criação, circulação e exposição, à parte de um circuito ou mercado convencional e, muitas vezes, distante dos círculos como os espaços acadêmicos que, embora vejam com bons olhos seu surgimento, por vezes não oferecem alternativas para que eles permaneçam e proliferem no interior de suas engrenagens. Para Miranda (2013), o campo da arte contemporânea, vem a cada dia mais “se familiarizando [...] com trabalhos artísticos assinados não por um artista, mas por um nome que representa um coletivo ou grupo organizacional formado por artistas visuais”. Prosseguindo na sua reflexão, continua a autora:

A relação entre artista e mercado de arte tem sido um assunto recorrente nas abordagens teóricas da arte. Isso talvez ocorra pelo fato de que em momentos de transformação os artistas, antes marginais, se tornem parte do circuito. As vanguardas, antes, causam repúdio; até se tornarem modismos. Dessa maneira, mostraremos como supomos que estaria ocorrendo essa transformação nos tempos atuais. Os coletivos caracterizados como atores sociais que circulam fora do circuito de arte por grande parte da crítica, em seus discursos presentes



no material aqui analisado transmitem uma relação amistosa com a por eles chamada instituição. A institucionalização requer um cuidado redobrado quando se é discutida dentro do mundo da arte contemporânea. Esta é sempre pautada como uma questão importante. Não há uma entrevista a artistas participantes de coletivos que não tangencie esta problemática. (MIRANDA, 2013, p. 1)

No caso da Rebellium Coletiva - cabe aqui destacar novamente -, somos um coletivo formado por mulheres cujos trabalhos (Figura 3) estão muitas vezes, ou quase sempre, relacionados a pautas feministas, ou que se encaixariam nesse eixo de abordagem: pós-pornografia, a existência do corpo como corpo político e outras temáticas importantes para que se alterem as regras que prevalecem convencionalmente dentro do campo artístico. A essa altura, devemos nos perguntar em que medida essa organização coletiva interfere nos nossos modos de criação. Diríamos que essa organização é uma demanda desses processos de produção, que só puderam se potencializar articuladamente depois que nos reunimos e em torno desse propósito. A historiadora Andrea Giunta discute como o sistema de arte, com suas formas de domínio, constitui um “patriarcado artístico”. De forma provocativa, ela declara que “mulheres deveriam abandonar as escolas de arte”. Eis uma medida que permitiria sonhar

[...] com uma ação brutal e utópica, com o objetivo de tornar visíveis a discriminação e os obstáculos que enfrentam as artistas. E como uma maneira de sabotar o sistema e sair da armadilha que as conduz à frustração e o fracasso. [...] As mulheres constituem mais de 70 por cento das matrículas das escolas de arte, mas na hora da distinção as porcentagens se invertem.<sup>10</sup> (OROSZ, 2018)

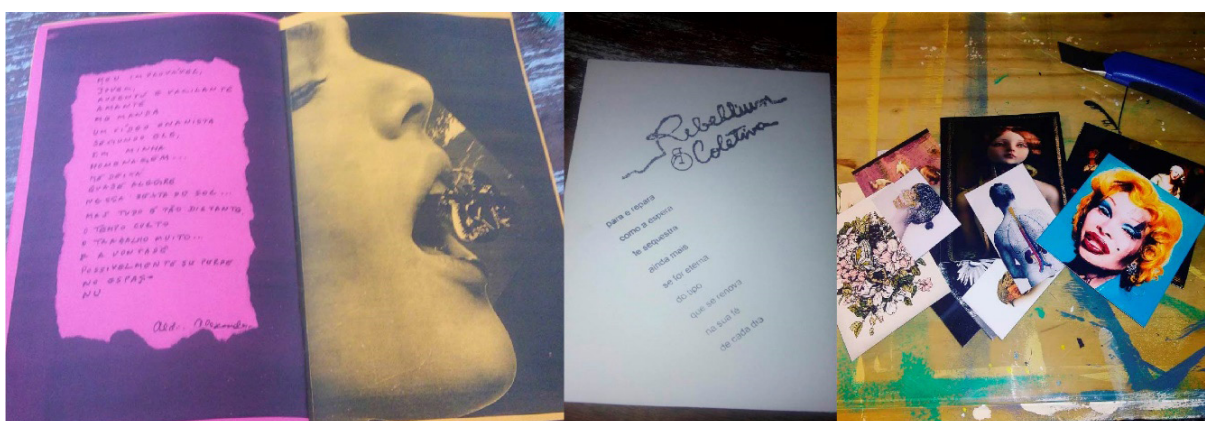


Figura 3: Da esquerda para a direita, trabalhos expostos em feiras e eventos: zine, cartão-postal-poema-e-imagem, imãs. Acervo da Rebellium coletiva, 2018.

<sup>10</sup> “[...] esa medida, que suena como una acción brutal y utópica, con el objetivo de hacer visibles la discriminación y los obstáculos que enfrentan las artistas. Y como una manera de sabotear el sistema y salir de la trampa que las conduce a la frustración y el fracaso. [...] Las mujeres constituyen más del 70 por ciento de la matrícula de las escuelas de arte, pero a la hora de las distinciones los porcentajes se dan vuelta.” Disponível em: <http://www.lavoz.com.ar/numero-cero/las-mujeres-deberian-abandonar-las-escuelas-de-arte>. Acesso em: 13/08/2018.

Corpo, política, feminismo, pós-pornografia são territórios férteis para o discurso poético fêmeo que transita nos meios acadêmicos, mas grande parte das vezes encontra eco mesmo nos espaços autônomos e independentes, buscando nessa coexistência a elaboração de rotas sinuosas que possibilitem cartografar os sentidos de nossas temáticas e o desejo de construir coletivamente uma arena de discussões de modo a potencializar e dar visibilidade às questões das mulheres como artistas políticas. Os lugares de discurso, segundo Kiwon (1997), quando analisa o *site specific* (lugar específico), pode ser, na arte contemporânea, uma arte *site-oriented*, ou seja, uma arte

[...] informada por uma gama mais ampla de disciplinas (por exemplo, antropologia, sociologia, crítica literária, psicologia, história cultural e natural, arquitetura e urbanismo, informática, teoria política) e em sintonia fina com discursos populares (como moda, música, propaganda, cinema e televisão). Mas além dessa expansão dual da arte na cultura, que obviamente diversifica o site, a característica marcante da arte *site-oriented* hoje é a forma como tanto a relação do trabalho de arte com a localização em si (como site) como as condições sociais da moldura institucional (como site) são subordinadas a um site determinado discursivamente que é delineado como um campo de conhecimento, troca intelectual ou debate cultural. Além disso, diferente dos modelos anteriores, esse site não é definido como pré-condição, mas antes é gerado pelo trabalho (frequentemente como “conteúdo”), e então comprovado mediante sua convergência com uma formação discursiva existente. (KIWON, 1997, p.171.a)

A atuação de coletivos na trajetória da arte contemporânea ocidental já completa mais de cem anos, tendo surgido a partir do movimento europeu dadaísta e chegando até nossos dias, espalhando-se por vários espaços geográficos distantes do eixo tradicional das artes no Brasil, a exemplo do eixo Rio-São Paulo. A Rebellium Coletiva é um exemplar de um dos coletivos que surgiram no interior do Centro-Oeste, especificamente em Goiânia, somando-se à cena do circuito alternativo de arte local e a outros coletivos como o Bicicleta sem Freio, Grupo Empresa (do qual a rebelliana Chris Frauzino foi integrante), Canteiro Cultural, Fake Fake, Café com Chá e alguns outros também de importante referência.

A especificidade dos trabalhos dos coletivos reside em fazer-se voz para reverberar discursos nem sempre formatados para os espaços de arte como museus, galerias e as tradicionais bienais. Encontrar espaços de circulação, divulgação, comercialização e publicação dos trabalhos desenvolvidos tem sido também a empreita de muitos coletivos que não apenas desejam atuar enquanto corpo político, mas também buscam inserção no circuito artístico ou, de outra forma, não se articulariam com os meios e espaços alternativos de arte.

Para Kamilla Nunes (2013):

Os espaços autônomos de arte contemporânea, também conhecidos como “espaços independentes”, “espaços alternativos”, “espaços autogestionados”,





“espaços experimentais” ou, ainda, no caso da Europa e América do Norte, “centros culturais independentes” e “*artist-run spaces*”, entre outros, passaram a ocupar um lugar estratégico na recepção, articulação e desenvolvimento da arte experimental no Brasil. Eles são parte de um conjunto de práticas autônomas, governadas por políticas e dinâmicas intensivas, por processos não lineares e por um ideal de autogestão, liberdade e resistência. (NUNES, 2013, p. 14)

Resistência - talvez seja esta a pulsão celular da formação e produção poética da Rebellium Coletiva que, neste ano de 2018, pôde, até agora, circular por esses “espaços autônomos” com trabalhos que buscam dialogar com um público transitivo; neste sentido, a Feira E-cêntrica, nossa maior apoiadora, reúne vários artistas, editoras, produtores/as culturais, propiciando a construção de novas rotas para a produção artística regional e nacional. Além disso, seu formato itinerante tem nos permitido dialogar com outros profissionais artistas que também buscam uma inserção, circulação, diálogo e reconhecimento de suas produções.

[...] a garantia de uma relação específica entre um trabalho de arte e o seu “site” não está baseada na permanência física dessa relação (...), mas antes no reconhecimento da sua impermanência móvel, para ser experimentada como uma situação irrepetível e evanescente. (KIWON, 1997, p. 171.b)

Destacamos, ainda, que uma das marcas do nosso coletivo é o deslocamento das manifestações artísticas, ou seja, os formatos dos trabalhos da Rebellium Coletiva, que propiciam uma maior proximidade com um público misto que circula pelos eventos dos quais participamos. Ao utilizarmos zine, gravura, imãs, adesivos, pequenos objetos de arte, todos com tiragem gráfica (Figura 4), disponibilizamos os produtos de nossa produção para venda, de modo que a comercialização dessa produção poética coletiva trafega também dentro do circuito do mercado de arte, mesmo que essa movimentação seja modesta, limitada e, muitas vezes, ordinária (zines). A natureza gráfica da produção da Rebellium Coletiva busca exatamente um campo de diálogo e troca de ideias nos lugares de discurso como espaços conceituais ou físicos; porém, a atividade panfletária de nossas ações se esvai dos formatos de suportes tradicionais como um quadro, uma escultura, o que dificultaria a execução das ideias e propostas de veiculação e circulação para uma manifestação itinerante.

Nossa coletiva não pretende ser “fixa”, imóvel, mas circulante, caixeiros viajantes, perambulantes, feirantes, vendedoras de arte barata, panfletária - uma arte que deseja ser movente para seguir provocando.

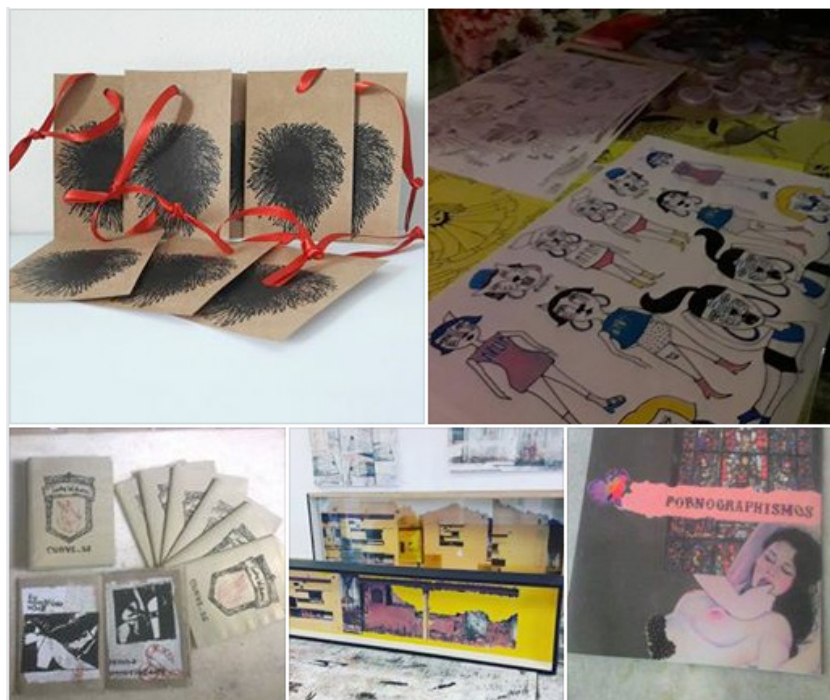


Figura 4: Divulgação da página da Rebellium Coletiva no Facebook, 2018.  
Acervo da Rebellium coletiva, 2018.



Figura 5: Feira E-cêntrica, integrando o XVIII Encontro de Letras da UEG, Cidade de Goiás-GO. O trio na imagem à direita, Alda Alexandre, Larissa Mundim (Nega Lilu Editora) e Chris Frauzino. 10 e 11 de agosto/2018.  
Acervo da Rebellium coletiva, 2018.

Em nosso mais recente evento, tivemos a oportunidade de participar, uma vez mais a convite de Larissa Mundim, da Feira E-cêntrica, agora integrando o XVIII Encontro de Letras da UEG na Cidade de Goiás. Com essa atividade, verificamos que, em menos de um ano, circulamos com nossa produção por cerca de cinco eventos de caráter alternativo, numa movimentação autônoma e independente que dialoga com os espaços institucionais de reflexão e produção de arte - como a Universidade Federal de Goiás e a Universidade Estadual de Goiás - e não se sujeita unicamente a suas instâncias, mobilidade que nos permite essa existência e circulação alternativas. Prova disso é o movimento ondulante que fizemos e fazemos de dentro da esfera acadêmica para fora, e para dentro novamente, como participantes deste seminário, e para fora, enriquecidas pela experiência, que entendemos como um trançado livre, embora duramente consciente.

## Referências

COSTA, Luís A.; ANGELI, Andréa do A. C.; FONSECA, Tania M. C. Cartografar. In: **Pesquisar na Diferença**. Porto Alegre, 2012.

KIWON, Miwon. Um lugar após o outro: anotações sobre site specificity. **Revista October80**, primavera, 1997: 85-110. Disponível em: <https://vmutante.files.wordpress.com/2014/08/7-kwon-miwon-um-lugar-apc3b3s-o-outro-em-portugues-artigo-imprimir.pdf>.

MIRANDA, Ana Carolina F. A. **O surgimento dos coletivos de Arte Contemporânea**: desdobramentos da institucionalização na criação artística como prática social GT 32: Sociologia da arte e da cultura, 2013. Disponível em: [http://actcientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT32/GT32\\_AccorsiMiranda.pdf](http://actcientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT32/GT32_AccorsiMiranda.pdf)

MUNDIM, Larissa. **Operação Kamikaze**. Goiânia: Eclea, 2015.

NUNES, Kamilla. **Espaços autônomos de arte contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2013. Disponível em: <http://editoracircuito.com.br/website/wp-content/uploads/2013/11/espacos-autonomos-web-11.pdf>. Acesso em: 25/07/2018.

## Minicurrículos

### Alda Alexandre

Mestranda em Arte e Cultura Visual na FAV/UFG, bolsista da FAPEG. Poeta, zineira, fundadora e integrante da Rebellium Coletiva.

### Carolina Brandão Piva (Carol Piva)

Doutoranda em Arte e Cultura Visual na FAV/UFG, bolsista da FAPEG. Poeta visual, tradutora e ficcionista. Editora do jornal literário O Equador das Coisas. Membro do Visual Culture Working Group da IAMCR (International Association for Media and Communication Research). Integrante da Rebellium Coletiva.

### Christiane Cavalcante Frauzino (Chris Frauzinho)

Mestra em Arte e Cultura Visual. Artista visual, produtora cultural e professora. Pesquisadora independente em imagens e pornografia infanto-juvenil no ciberespaço. Integrante da Rebellium Coletiva.



 rebelliumcoletiva